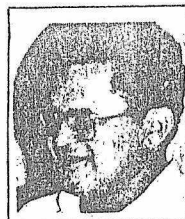


HOJE É DIA DE



OLIVEIRA RAMOS

Vão-se os dedos...

Feliz de quem tem todos os dedos da mão, ou pelo menos o polegar e o indicador. Somente hoje compreendo a importância dos meus dedos, e também porque eles são preciosos para os pianistas e caseadores de camisas e pregadores de botões. Talvez os meus 20 mil leitores estejam achando que é fresca ficar falando assim dos dedos, quando seria muito mais atraente falar dos anéis.

Acontece que, no auge da campanha política, surgiram duas incomodativas marias-pretas que — inchando indecentemente — proibiram-se de batucar minha calejada Remington e de fazer outras coisas menos nobres, como apertar a campainha ou acudir aquela coceirinha de última hora em lugares mais escondidos do corpo.

Não pude avisar o Antônio Carlos e, em meu retângulo aqui no jornal saiu uma crônica repetida do Nonato Masson. Muitos pensaram que eu tinha sido demitido por causa das posições que tomei favoráveis ao Jackson Lago, declarando abertamente minha preferência eleitoral, enquanto todo o pessoal da casa — do faxineiro ao editor de Política — se esgoelava a favor do Carlos Guterres.

Finalmente os leitores conheceram os reais motivos de minha ausência. Os que me admiram lamentaram a perda. O pessoal que não me engole comemorou nos bares e houve até quem soltasse foguetes. Na verdade, ambas as facções perderam o seu precioso tempo, pois a coisa ficou mesmo no campo digital. Os cronistas aqui têm plena liberdade até mesmo para dar uma esculhambação nos dirigentes que escolhem os lugares das matérias, como aconteceu recentemente com o Américo. Respeito é bom e ele gosta. A propósito, cadê ele?

Ainda não fiquei curado, daí porque esta crônica de hoje ainda vai ser meio capenga. Não dá para falar sobre a vitória do meu candidato, pois o simples batucar as letras ainda dói bastante. É eu que pensava serem os olhos as partes mais importantes do meu corpo. Com os olhos pensava poder realizar quase tudo, incluindo despir as mulheres na rua, além de penetrar-lhes o interior. Sempre tive um medo danado de ficar cego. Sinceramente nunca dei muita bola para os dedos. Achava-os até mesmo feios. De repente, por culpa de duas feridinhas bestas, descubro que os dedos fazem falta inclusive como instrumentos sexuais. Não falarei abertamente sobre o assunto porque conheço meu eleitorado. Todo mundo fala sobre essas coisas em *off*, mas poucos se atrevem a comentá-las publicamente. Quem acha que cometi uma grave falta trabalhista deixando de produzir a coluna argumentará que eu poderia ditar a matéria para alguma datilógrafa mais esperta, mas lhe asseguro que não seria a mesma coisa. O ato de sentar à máquina e bater, ou mesmo estas maltraçadas linhas, é uma coisa muito pessoal, íntima, mágica.

Quantas vezes não tenho ficado horas à fio diante da máquina à procura da primeira palavra? Outras vezes, contentar-me-ia tão somente com o assunto da crônica. Acho que esse fenômeno de esterilidade intelectual acontece com todo mundo, embora nunca tenha visto o Ubiratan Teixeira numa enrascada dessas. Como se trata de um iluminado, pode ser que com ele não aconteça mesmo essa sacanagem mental.

Outras vezes, a mente está pronta para ir à impressão das idéias, mas os dedos não obedecem — como ocorre agora. Os dedos ainda estão doídos. Ainda bem que não estão doídos. Explico: há ocasiões em que o autor não tem controle sobre o que escreve. Os dedos — agora conheço a importância deles — tomam conta da máquina e desandam a escrever coisas até mesmo diferentes daquilo que pensamos. O processo de criação possui muitos mistérios. Um deles é a completa independência dos personagens. Alguns se apossam dos dedos do escritor e adquirem vida independente.

Contento-me em saber que os dedos estão voltando à forma antiga e que as feridas são menores do que as deixadas pelo resultado da eleição no coração de muitos candidatos. Muita gente boa não foi eleita, contrariando as previsões dos mais otimistas. Outras pessoas, como a derrota, foram colocadas nos lugares merecidos. Eleição é coisa misteriosa: consegue unir no mesmo palanque Carlos Guterres e Nam Sousa, que falavam mal um do outro e coloca em campos opostos dois antigos amigos, como o próprio Guterres e Jackson Lago.



Manuel Pantigoso



Lucia Pantigoso

OS PANTIGOSOS

Nossos agentes culturais no Peru

São Luís recebe, hoje, uma visita muito importante: a do casal Lucia e Manuel Pantigoso. Ela, brasileira radicada há 15 anos no Peru, onde atualmente dirige o Centro de Estudos Brasileiros de Lima, considerado entre os de melhor atuação na América Latina. Ele, professor titular da Universidade Nacional Mayor de San Marcos, membro da Academia Peruana de la Lengua, poeta, ensaísta e tradutor de alguns poetas brasileiros.

Lúcia e Manuel, que se conheceram no Rio de Janeiro, quando ambos faziam pós-graduação em Letras, são, em Lima, verdadeiros promotores culturais a serviço do Brasil. A par de atividades específicas, vez por outra estão diretamente trabalhando num projeto comum. Assim aconteceu, por exemplo, com as antologias poéticas de Ledo Ivo e João Cabral de Melo Neto, prefaciadas por Pantigoso, e com as seleções poéticas de Domingos Carvalho da Silva e Péricles Eugênio da Silva Ramos, que ele traduziu.

Essas e muitas outras publicações integram o



programa editorial em que Lucia colabora, ao lado de nossa adida cultural, Hilda Scarabótolo de Codina.

Lucia, graduada em Línguas Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, tem pós-graduação em Literatura Brasileira. Reside, desde 1963, em Lima, onde começou ensinando português e cultura brasileira no Centro de Estudos Brasileiros, que hoje ela dirige. Foi auxiliar direta de Bernardo Almeida, quando ali serviu na condição de nosso adido cultural, e o sucedeu à frente dos trabalhos de difusão da cultura brasileira em terras peruanas. Mantém constante colaboração na imprensa, havendo publicado artigos e ensaios brasileiros nos suplementos culturais *Garcilaso*, do jornal *Ojo*, e *Crônica Cultural*, do diário *La Crónica*. Atualmente é colaboradora da revista *Contacto*. Parte do que até hoje escreveu sobre nosso País

foi reunida no livro *20 rutas por el Brasil*, editado em 1987, pelas Ediciones Capuli.

Manuel Pantigoso, bacharel em Literatura e licenciado em Educação, é doutor em Educação e em Literatura e Filologia. Na Universidad de San Marcos tem sido responsável pelas cadeiras de Educação pela Arte, Didática da Literatura e Literatura Brasileira, além de coordenar e dirigir oficinas de Teatro e Educação. Detentor de três prêmios literários nacionais do Peru, Pantigoso fez seus estudos de pós-graduação no Brasil, Espanha, França e Itália. Professor convidado de diversas universidades estrangeiras, também participou, como conferencista ou debatedor, de seminários e congressos culturais no Brasil, Chile, Argentina, Uruguai, Cuba, Espanha, França, Itália, Inglaterra e Alemanha. Na Universidad de San Marcos presidiu a Comissão de Teses



Doutorais em Educação, dirigiu o Colégio de Aplicação e coordenou o Escritório de Relações Interuniversitárias.

Atualmente é, ali, chefe de Relações Públicas e coordenador da Segunda Especialidade em Educação pela Arte. É, ainda, vice-presidente da Associação Nacional de Escritores e Artistas e presidente da Associação Peruana de Educação pela Arte.

Manuel Pantigoso é autor de oito livros de poesia, 13 trabalhos de crítica literária, teatro e didática, tendo publicado, no Peru e no exterior, mais de 200 artigos e ensaios sobre temas diversos. Diretor de teatro, já dirigiu cerca de 50 peças.



Dois poemas de Manuel Pantigoso

Garza y Espuma

Eva
porada
ave
entre mis dedos
cristal y azogue
engarza líneas
por la toma
tizne blanco
mi página salta
para emplumarte
libada del mar
avuelapluma
vapura mi copa
ave de arena
entre el Triángulo
y la Abeja
constelada
ave
porada
eva
(se puede notar
tu sombra facial).
(Do livro Nazca)

HOJAMAR

Pez de sol
que riela
por sus flecos
pez aleta
sus escamas verdes
pez sedal
(caña y cebo)
sorbiendo doradas algas
pez de viento
sal -
picando
brisas las arenas
pez carnada
fuego hondo
vaciado de velamen
pez gaviota
hojamar en oleadas plantas
pez arisco y leve.
(Do livro Reloj de flora)